



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO
E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.
CURSO DE PEDAGOGIA- PARFOR/CAPES/UEPB**

GLECIANA MONTEIRO BRITO DO RÊGO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA:
Despertando o leitor para o mundo da fantasia**

**Agosto
2015**

GLECIANA MONTEIRO BRITO DO RÊGO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA:
DESPERTANDO O LEITOR PARA O MUNDO DA FANTASIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba como requisito Parcial para
obtenção do título de Licenciatura plena
em pedagogia

Orientador: Prof. Me. Marilene Dantas Vigolvino

Agosto

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R343c Rego, Gleciana Monteiro Brito de
Contação de história [manuscrito] / Gleciana Monteiro Brito
de Rego. - 2015.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Pedagogia do PARFOR EAD) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Marilene Dantas Vigolvino,
Secretaria de Educação à Distância".

1.Leitura. 2.Educação infantil. 3.Desenvolvimento. I.
Título.

21. ed. CDD 808.543

GLECIANA MOMTEIRO BRITO DO RÊGO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: DESPERTANDO O LEITOR PARA O MUNDO
DA FANTASIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 01/08/2015
Nota: 9,0 (nove)

BANCA EXAMINADORA

Marlene Dantas Vigolvin

Profa. Me. Marilene Dantas Vigolvin / UEPB
Orientadora

Silvânia Karla de Farias Lima

Profa. Me. Silvânia Karla de Farias Lima/UEPB
Examinadora

Maria José Guerra

Profa. Me. Maria José Guerra/UEPB
Examinadora

Rosicleide Henrique da Silva

Profa. Me. Rosicleide Henrique da Silva
Examinadora Externa

RESUMO

A história está presente em nossa cultura há muito tempo e vêm sendo transmitida de geração para geração, por isso as crianças e jovens aprendem com histórias vividas e contadas por seus pais, avós e parentes que compartilham suas experiências. Por isso as histórias podem ser contadas às crianças desde muito cedo para porque elas auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções sentidas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real de forma mais racional e equilibrada. Este estudo pretendeu analisar a importância pedagógica e o modo como o professor na condição de contador pode utilizar a história como ferramenta em sua prática docente visando otimizar o processo de escolarização das crianças de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. Buscou-se para a consecução desse objetivo realizar uma pesquisa teórica, que teve como referencial metodológico a pesquisa bibliográfica, cuja se deu a partir da leitura de autores como, Abramovich (1997) Bajard (1992), Lerner(2002) Mainardes (s/d), Machado (2000), Coelho (2001), Freire (2005, entre outros. O referido artigo foi iniciado com a introdução, seguida da revisão bibliográfica na qual discutimos a contação de história abordando questões como histórico, o professor como contador de história, bem como a análise sobre a utilização dessa ferramenta na prática docente nas turmas de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental e concluiu-se ser fundamental a utilização dessa ferramenta em sala de aula para despertar pequenos leitores, principalmente da educação infantil e estimulá-los a viver o mundo da imaginação, que nem sempre pode ser experimentado na realidade.

Palavras-chave:Contação de História, Educação, Formação de Leitores.

ABSTRACT

History is present in our culture for a long time and have been transmitted from generation to generation, so children and young people learn from stories lived and told by their parents, grandparents and relatives who share their experiences. For so the stories can be told to children from an early age because they assist children in developing their feelings, since emotions felt through narratives prepare us to experience those emotions in the real world in a more rational way and equilibrated. This study intended to analyze the pedagogical importance and how the teacher in counter condition can use history as a tool in their teaching practice to optimize the process of education of children of kindergarten and early education series fundamental. We sought to achieve this objective perform a theoretical research that had as a methodological reference to literature, which took place from reading authors like Abramovich (1997) Bajard (1992), Lerner (2002) Mainardes (s/d), Machado (2000), Rabbit (2001), Freire (2005), among others. The article was initiated with the introduction, followed by literature review in which we discuss the story telling addressing issues such as history, the teacher as counter history as well as the analysis on the use of this tool in teaching practice in groups of early childhood education and initial series of basic education and found to be essential to use this tool in the classroom to spark young readers, especially early childhood education and encourage them to live the world of imagination, which can not always be experienced in reality.

Keywords: storytelling, Education, Training Readers.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
2 AS HISTORIAS TRANSMITINDO EMOÇÕES.....	9
3 HISTORIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERENCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Os Estágios Supervisionados I, II e III são atividades curriculares obrigatória no curso de Pedagogia em cumprimento ao que determina a Resolução nº 1 de 15 de maio de 2006, artigo 7º e tem a finalidade de proporcionar aos alunos uma reflexão sobre a prática educativa no âmbito na área de Gestão Educacional, Educação Infantil e Ensino Fundamental I, ensejando assim estabelecer a relação entre teoria e prática. O referido estágio é desenvolvido em duas fases. A primeira se destina a observação do contexto escolar e a segunda a prática docente, ou estágio de intervenção, com carga horária total de 100 horas aula.

Os estágios de intervenção oportunizaram uma reflexão valiosa acerca da prática pedagógica resultado de um conjunto de vivências e experiências no campo da docência principalmente da educação infantil e ensino fundamental nas séries iniciais. Considerando as possibilidades e limitações tanto da escola campo do estágio como das próprias condições do estágio desenvolvemos nosso trabalho satisfatoriamente através de aulas planejadas de acordo com o contexto, adotando um procedimento didático ancorado na ludicidade de modo a tornar as aulas mais prazerosas e que as crianças pudessem assimilar os conteúdos escolares trabalhados. Assim trabalhamos a leitura e a escrita com as crianças trazendo textos que envolvessem personagens de contos infantis como, bruxa, fadas, ou seja, história mais próxima do seu universo cultural e imaginário para tornar a leitura atrativa e estimular a participação de todos.

Durante a docência realizada numa turma do 1º ano do ensino fundamental na escola, campos de estágio nos depararam com uma situação bastante delicada. Havia na turma um aluno com necessidades especiais de aprendizagem. Ele se isolava e não se comunicava com as outras crianças, porém em algumas situações de atividades como contação de história ou em grupo como colagem, pintura, ou outra atividade que não exigisse leitura e escrita ele se juntava aos demais alunos, mas ainda com certo distanciamento, tanto por parte dele como da turma e da professora. Todos o viam como um aluno “diferente”, com um olhar discriminatório, o que, aliás, justifica seu

afastamento. Essa situação nos faz invocar Perrenoud (1993, p.108) quando ressalta que “a vida cotidiana escolar dos professores apresenta uma característica de organização que se baseia no imediato, no momento presente; sua esfera de atenção acaba se concentrando naquela realidade que a sua frente se apresenta e demandam soluções”.

Mas, parece-nos não ser o caso dessa professora, pois durante a nossa permanência nessa turma por ocasião da fase de observação, percebemos que os conteúdos trabalhados em sala de aula eram os mesmos para todos, mas as estratégias e os recursos materiais é que não mudavam, eram também iguais para todos. Com isso podemos inferir que não foi dada a devida atenção ao aluno com problemas de aprendizagem. A explicação para tal postura, além da concepção da professora é também por ela estar sozinha em sala, ou seja, não conta com ajuda de uma auxiliar que possa ajudá-la na realização das atividades. Acrescente-se a isso o fato de a escola não dispor do atendimento educacional especializado - AEE, para auxiliá-la a avaliar as necessidades do referido aluno, pensar as estratégias a serem utilizadas e fazer a adaptação dos materiais, para que desse modo o aluno possa avançar, acompanhar a rotina escolar e se integrar a turma, sentindo-se parte dela.

Diante disso ficamos a nos interrogar o que fazer para atender as necessidades de alunos que como este estão à parte do processo escolar. Embora nossa preocupação não tenha se voltado para as crianças com necessidades especiais, mas foi a partir também desse fato que surgiu a ideia de estudar a contação de história para crianças, considerando que o aluno visto como “diferente” demonstrou um aparente interesse pelas histórias contadas em sua turma. Fica então justificado a escolha do referido tema por sua relevância no processo escolar das crianças, seja da educação infantil ou do ensino fundamental.

Este estudo intitulado “A contação de história: despertando o leitor para o mundo da fantasia” pretende analisar a importância pedagógica da história e o modo como o professor na condição de contador pode utilizar essa ferramenta em sua prática docente visando otimizar o processo de escolarização das crianças da educação infantil e das séries iniciais do ensino

fundamental Para tanto, nesse trabalho que assume características de uma pesquisa bibliográfica e tem como referencial teórico a pesquisa bibliográfica fundamentou-se no pensamento de estudiosos no assunto, que entre outros destacamos Freire (2005), Abramovich (1997), Lerner (2002), Mainardes (s/d), Machado (2000), Coelho (2001), Rizzoli (2007) Esse texto esta assim estruturado. Iniciamos com a Introdução, seguida da revisão bibliografia na qual discutimos a contação de história abordando questões como aspecto histórico, o professor como contador de história e uma análise sobre a utilização dessa ferramenta na prática docente nas turmas de educação infantil e nas series iniciais do ensino fundamental. A literatura consultada nos permitiu compreender que é contando histórias que se prepara a criança para vivenciar com mais segurança suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para sua resolução. É através delas que poderá sentir e viver importantes emoções como a raiva a tristeza, alegria, a tranquilidade, expressando profundamente tudo o que as narrativas provocam quando as ouve.

2AS HISTÓRIAS TRANSMITINDO EMOÇÕES

O assunto em pauta aborda a importância da leitura como uma atividade inerente a condição humana. Freire (2005) afirma que a leitura de mundo antecede á da palavra, ou seja, desde que nascemos somos leitores do mundo e nossas ações decorrem dessa leitura. Dessa forma, faz-se necessário que nos conscientizemos, enquanto educadores, da responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural.

Nesse sentido, a escola deveria ter como um dos maiores objetivos, planejar estratégias de leituras que atraíam o seu publico para que desse modo possa criar hábitos de leitura em crianças e adolescentes e, na medida do possível, que possa ser de forma voluntária e não obrigatória, pois na grande maioria os alunos, sobretudo de escolas públicas ou de classes menos favorecidas sotem este contato com a leitura na escola. Por isso a leitura deve ser trabalhada de forma diferente, transformando-a em momentos agradáveis

nutridos de motivação e curiosidade. Do ponto de vista de Mainordes (s/d) a leitura trabalhada diariamente com o aluno possibilita a descoberta de emoções que nem sempre podem ser experimentadas na realidade. A literatura é a ponte entre o real e o imaginário, as histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções sentidas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real de forma mais racional e equilibrada.

A história está presente em nossa cultura há muito tempo e vêm sendo transmitida de geração para geração, por isso as crianças e jovens aprendem com histórias vividas e contadas por seus pais, avós e parentes que compartilham suas experiências. É bem verdade que os costumes e os valores não são os mesmos, uma vez que atualmente muitas famílias trocam as conversas e histórias entre si pela tecnologia, celular, computador e etc. Assim, Mainordes (s/d) levanta uma questão muito importante: para quem ficou, então, a função de provocar a imaginação infantil? Segundo ela para o professor. É ele que, no contexto social vigente, deve tomar para si a função de resgatar esses momentos tão importantes na vida do ser humano, uma prática bem prazerosa usada entre as pessoas, sobretudo entre as crianças, que é o ato de contar /ouvir histórias.

Assim numa sociedade tecnicista contar e ouvir história são possibilidades mais libertárias da aprendizagem. Para os educadores o ato de contar histórias é uma postura a assumir, pois segundo Pruto (1999) citado por Mainordes(s/d, p.41) “o professor deve assumir a responsabilidade de transmitir estas histórias seja elas lidas ouvidas, imaginadas, histórias de contos de fada de terror, de suspense, etc.”. Abramovich (1989, p.16) reforça essa ideia salientando que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...] “escutá-las é o início da aprendizagem[...] para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”. Ou seja, ouvir, contar história na infância é muito importante para a formação da criança; ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano. É também contando histórias que preparamos a criança para vivenciar com mais segurança suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para sua

resolução. É através delas que se pode sentir e viver importantes emoções como a raiva a tristeza, alegria, tranquilidade e tantas outras, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

O uso da contação de história em sala de aula propicia a construção de inúmeros conceitos pela criança. Por isso a escola deve lançar mão de várias estratégias que pedagogicamente adequada se tornarão ferramentas valiosas no estímulo a leitura e a escrita, pois como bem coloca Bajard (1992, p.13) “às vezes, a expressão escrita da criança é alimentada pelas histórias contadas sistematicamente pelo professor”. É importante ressaltar, dada a sua importância, o porquê dessa prática de contação de história não ser comum na sala de aula. As condições institucionais podem impedir um trabalho diferenciado pelo fato, provavelmente, de tal prática fugir do padrão das avaliações. A escola ainda não está pronta para trabalhar com aquilo que não pode avaliar por isso essa dificuldade tão grande para aceitar o novo. Quando a literatura estiver recebendo um estímulo adequado a contação de história é uma excelente alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura e a literatura. Não podemos nos curvar a um simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler [...] assim “com prazer isto é possível e mais fácil do que parece”(Villar Di, 1997, p.2).

Através da história as crianças ampliam e expandem seu universo cultural e imaginário. É através de variadas situações didática, dentre elas a contação de história, que o aluno pode interagir, pensar, fazer descobertas provocar o riso, a perplexidade, o maravilhoso, etc., ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo. Por meio da contação de história pode-se trabalhar os mais diversos aspectos de construção na vida do ser humano, uma vez que as histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Afinal, “contar história é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar”...pela história..., pela leitura, Neste contexto, guardadas as devidas proporções, pode-se incluir as crianças de berçário. O contato com os livros é fundamental para seu desenvolvimento, como também para a criação do hábito de ler e o gosto pela leitura, pois favorece uma persistente motivação ao desejo ativo de ler.

Entre outras razões, “a importância da presença intencional dos livros no berçário é compreendida pelo fato de que a manipulação dos objetos é a gênese dos pensamentos, é o laboratório silencioso em que se gesta o futuro leitor” como é enfatizado pelo pedagogo italiano Loris Malaguzzi (2013, p.21). No processo de desenvolvimento do sujeito devemos acreditar que ele é capaz de produzir e trabalhar em grupo interagindo com outros através da linguagem. Por isso a educação infantil se constitui em um espaço essencial para oportunizar as primeiras relações com os livros, visto que, nesse espaço de ampla convivência e diferenciadas situações de aprendizagem, as crianças estão cada vez mais inseridos nesse contexto desde a mais tenra idade.

Essa interação, claro, deve ser proporcionada por um adulto (pai, mãe, professor, etc.) enquanto mediador de conhecimento. Daí o desafio do professor de educação infantil em buscar propostas inovadoras e instigantes para trabalhar com estes pequeninos de forma lúdica e concreta para dá sentido a elas. Mesmo que ainda seja muito cedo para entender completamente o significado das narrativas, nota-se que adoram ouvir história. Segundo Rizzoli (2007, p. 6) “ouvir história tem uma importância muito grande para a criança, pois faz com que ela se sinta importante”. Nesse sentido, é preciso cuidar da preparação do ambiente para a realização da leitura e manipulação de livros, como também com da utilização dos mais diversos tipos de materiais como fantoche, livros verbais e não verbais etc., tornando um lugar acolhedor para as crianças. É de suma importância lembrar que a contação de história pode ser lida seguindo exatamente o que está escrito no livro, mas também pode ser fruto da imaginação ou apropriação de uma história escrita que o contador/a conheça e domine.

Outro cuidado diz respeito à entonação usado na hora da contação. É muito importante para a criança o suspense, o medo, a alegria, pois estimula o imaginário, o faz de conta e leva-o ao mundo da fantasia. Isso, provavelmente tornará o indivíduo mais preparado para conviver na sociedade. Assim, oportunizando a criança estes momentos agradáveis ela experimentará diversificados tipos de leitura. A esse respeito Martins (2013, p.11) alerta que:

Não é tarefa simples a escolha dos livros. Não podemos esquecer que, de modo geral, as experiências de leituras das crianças são condicionadas por aquilo que decidimos adquirir para elas, pois correspondem as noções que temos da criança da leitura e do livro. Embora não haja receita, bons livros e boas histórias costumam ser aqueles em que o leitor encontra pontos de identificação, assim como os que a fazem transcender a realidade imediata, impulsionando-o a fantasiar, a sentir, a pensar sobre outros contextos.

Ou seja, a escolha dos livros para as crianças prescinde de análise crítica e contextualizada. Livros variados precisam estar cotidianamente ao alcance delas, do informativo ao ficcional, dos confeccionados com elementos tipográficos diversificados aos artesanais, os quais articulam variados planos de recepção e ação, causam-lhes novas e diferentes perguntas, que se dispersam, mas que também produzem sistematizações, permanências.

A leitura, como busca de sentido, é um precioso instrumento no processo de produção do conhecimento por propiciar o contato do leitor com diferentes formas de viver e compreender a leitura do mundo. O contar história como instrumento de comunicação traduz por meio de palavras os acontecimentos cotidianos, as memórias, o que deveria ser mais valorizado nas instituições porque se constitui em um excelente meio para a aprendizagem não sono processo da leitura e escrita das crianças, como também na constituição da sua identidade, no fortalecimento dos laços sociais por seu caráter de veículo de transmissão de saberes, valores e tradições na educação.

A grande importância da relação que é estabelecida entre quem conta e aqueles que ouvem a história são pelo fato de se constituir em um momento único onde todos participam de forma ativa e crítica, envolvendo-se emotivamente e, chegando a transportarem-se do mundo real para o mundo imaginário que esta sendo narrado, o que é notável através das falas, dos

gestos e dos olhares expressivos que são manifestados pelo conjunto de pessoas presentes no momento da contação de história. Também se percebe que a aproximação com as crianças é que permite ao professor, através das manifestações apresentadas por elas, enquanto ouve a história, conhecê-las e entendê-las melhor, podendo então ajudá-las, sendo um intermediário e facilitador na construção de suas aprendizagens.

Não é demais registrar que ler livros para crianças é uma possibilidade de conduzi-las para o hábito da leitura, pois quando se conta para elas histórias que as interessam, lembrando que sempre se deve utilizar livros de acordo com sua faixa-etária, devido ao prazer e ao encantamento que sentirão, não só desejarão lê-las, como também sentirão vontade de ir à busca de outras histórias. Pois uma história, quando bem escolhida e bem contada, pode contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, fazendo com que se torne um sujeito portador de senso crítico e democrático, com capacidade para atuar na sociedade em seu tempo e futuro. Segundo Jarasky e Rodrigues (2000, p.31):

[...] a atenção que as crianças depositam a história enquanto esta sendo contada caracteriza-se essa atitude de estar atenta, como propicia a realização das tarefas de escrita, porque oportuniza o desenvolvimento de habilidades, por exemplo, desenvoltura na oralidade, vocabulário amplo, criatividade, etc., que proporcionam a criança a produção de textos com mais conceitos e qualidade.

Como proposta de melhor ampliação desse assunto devemos considerar a importância de formar indivíduos leitores, não só utilizando estratégias na escola e tendo esse contato apenas nesse ambiente, mas sim, devemos proporcionar este contato com os livros em outros ambientes como em sua casa. Uma história contada por seus pais ou mesmo por seus avós ou parentes, sem dúvida é de grande estímulo para essas crianças.

Lamentavelmente são poucas as crianças que tem em seus lares e em outros lugares de convívio o privilégio de ouvir história e conviver com materiais de leitura de forma agradável. Provavelmente tais crianças apresentam ou apresentarão dificuldades na escola por não terem esse contato e incentivo de seus familiares, pois quando há essa ajuda da família a criança se desenvolve mais rapidamente, se relacionam de maneira significativa, compreensiva e se torna um elemento produtivo na sua formação em relação aos aspectos sociais, afetivos, cognitivos e culturais.

É importante ressaltar mais uma vez, que os professores durante suas aulas contem histórias para seus alunos, por que ao escutar as histórias eles ampliam sua capacidade de imaginação e de construção de conhecimentos, melhoram seu vocabulário e isso facilitaria seu desempenho de papéis sociais de forma autônoma e crítica. Através da contação de histórias o professor estimula na criança a leitura expressiva a espontaneidade e encantamento, o gosto pela leitura. O professor é um promovedor de incentivos proporcionando e permitindo a criança que se torne um leitor, desde que tenha o cuidado de “estudar a história e ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”, como esclarece Coelho citado por JARASKY, 2009 p.15). Os autores também destacam como essenciais serem reconhecidos e respeitados os contextos sociais e financeiros aos quais os ouvintes pertencem e ainda chamam atenção quanto aos interesses, a relação entre a história e a faixa etária das crianças, não se esquecendo das experiências de vida dos indivíduos.

As recomendações feitas pelos autores, com as quais concordamos, são explicitadas para as crianças de acordo com suas faixas etárias e níveis de escolarização. Então segundo a referida autora (2009, p. 15) crianças com até três anos vivem uma fase mágica, que requer história de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza humanizados, história de crianças; as de três a seis anos, também vivem umas fases mágicas, por isso as histórias devem envolver histórias de repetição do tipo dona Baratinha, A formiguinha e a Branca de Neve etc., isto é, histórias de fadas. Os escolares, que se encontram na faixa de sete anos, pedem história de crianças, animais e encantamento, aventuras no ambiente bem próximo delas como família,

comunidade, histórias de fadas; os de oito anos exigem história de fadas com enredo mais elaborado, história vinculada a realidade e, por fim, os de dez anos são histórias de aventuras, narrativas de viagens explorações invenções, fábulas, mitos e lendas.

Daí a importância de escolher bem um livro de acordo com seu público para melhor aproveitamento do referido recurso didático. Segundo Abramavich(citado por JARASKY e RODRIGUES 2009, p.18)“quando se vai ler uma história seja qual for para crianças não se pode fazer isso de que qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante”. É fundamental que a história esteja de acordo com o interesse delas tornando assim um momento mágico, onde elas viajam na história, podendo assim absorver o que tem de melhor nela. É oportuno lembrar que criança interage, aprende e ensina por isso é preciso vê-la de maneira muito mais abrangente, pois a criança é responsável por nosso futuro, ela participará da construção da história e da nossa cultura. A criança que interage, que se expressa, que participa constrói história e conhecimento. Esse também é o ponto de vista da educadora Brakling (2002,p.6) quando afirma que a:

Adição dessa concepção de linguagem no processo de ensino pode possibilitar ao aluno perceber-se como sujeito ativo no processo de produção dos sentidos dos textos que ele produz o que se coloca no lugar do sujeito que sabe, que é capaz, que pode produzir e transformar por que a linguagem [...] transforma a relação entre as pessoas, conseqüentemente, entre estas e o mundo.

Embora as práticas sociais em torno dos livros apresentem um complexo conjunto de fatores e atores que influenciam a realidade de cada um, uma questão importante é a presença encorajadora de adultos leitores e a liberdade de acesso a um diversificado acervo de livros, e com a ação direta do professor de provocar o imaginário da criança constitui uma inesgotável fonte

criadora. Por outro lado e através do movimento de observá-las, escutando e apoiando suas demandas individuais, respeitando suas atuações de acordo com suas lógicas e seu ponto de vista o professor terá mais chance de desenvolver nelas o desejo autêntico e autônomo pelo livro. Mas, para tanto é preciso o professor/contador de história compreender também o sentido pedagógico, social e cultural da leitura, ou seja, conceber o ato de contar história como arte uma vez que a arte é um meio de expressão, criatividade que o ser humano desenvolve a partir de um olhar mais sensível a realidade e, que pode se expressar de alguma maneira em seu cotidiano. Para isso é essencial que se desvincule a ideia de arte como um dom atribuído ao indivíduo, concedendo a poucos o direito de serem artistas. (Nessa perspectiva Faria e Garcia, citado por FLECK 2009, p.26) assim se coloca:

A arte tem sido o registro de várias civilizações, documento e testemunhos, desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento humano e cultural. Hoje, mais do que nunca, com a crise civilizatória, e consequente monoteísmo da razão, a linguagem da arte talvez seja das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas, particularmente dos jovens, além de impulsionar transformações sociais, pode contribuir para reencantar o mundo a partir do estabelecimento de fortes trocas simbólicas e formar, assim, uma comunidade de emoção.

Então se faz indispensável admitir que todos, potencialmente, podem ser criadores, já que a arte, fundamentalmente se relaciona com a criação. Assim, o historiador pode possibilitar a seus ouvintes as mais diversas situações em sua sala de aula que envolva a leitura como ato de criação, de descobertas, possibilitando várias formas de ver a realidade onde o indivíduo possa aprender a negociar com mais leveza os variados aspectos que constituem sua identidade, encontrando sua personalidade e tornando-se um

ser que seja capaz de lidar com seus problemas e conviver melhor em sociedade. Além de que o professor quando adquire o hábito de ler aliado ao prazer, ao gosto, ao entretenimento ele estará passando algo, não só para si mesmo, mas para os ouvintes, e, em particular para os alunos de tal forma que eles serão capazes de falar em livros, ler livros de acordo com sua faixa etária e das circunstâncias. E mais: que passam a irradiar esse ambiente favorável para as crianças e se oportuno aos familiares, valorizando os livros e transmitindo conhecimento de uma forma mais atrativa. Segundo Ana Maria Machado (2014), contar história lendo tem um efeito maravilhoso. Diverte faz voar a imaginação, informa sobre outros aspectos da vida, permite vivenciar sonhos e receios escondidos. Aumenta o vocabulário, da oportunidade de ter contato com sua língua em seu registro escrito, conhecer certas construções que nem sempre utilizamos no dia a dia.

Através do convívio com os livros as crianças naturalmente vão aprendendo com a palavra escrita, de forma que ninguém precisa ensinar regra posta vindo de fora, pois quando se aprende a ler, a prática da leitura continua a se manifestar com força em todo o processo de ensino e aprendizado. É importante criar uma rotina de leitura com eles, contar história que podem ser curtas ou um pouco mais longas, mas que deve levar em consideração o seu público ouvinte. Como já foi anteriormente colocado as histórias curtas e bem simples, permitem a criança acompanhar a narrativa toda, prestar atenção as ilustrações que sempre atraem muito as crianças e assim despertar nelas curiosidade e interesse de tal modo que pode ser que daí a alguns dias algumas crianças peçam para que contem de novo aquela história que gostou. Não faz mal que a história seja lida novamente, pois a cada leitura a história se torna mais significativa para o ouvinte, possibilitando uma nova descoberta. Ana Maria Machado (2014,) alerta que “a releitura de um texto conhecido consolida alguns aspectos, destaca outros, permite voltar a um bom momento”. Faz parte da gradativa intimidade com os livros, que poderá levar a naturalidade tão desejada na consolidação do convívio com a leitura, pela vida a fora

Cabe à escola dar acesso às obras e ensinar os chamados comportamentos leitores. O professor como mediador/transmissor de

conhecimento deve estar em constante busca de novas aprendizagens de modo a dar suporte ao seu trabalho e isto é possível através da leitura. O professor em sala, em particular de educação infantil deve apresentar os diversos gêneros que se encontram nas obras literárias. As crianças nessa fase deixam-se levar pelas histórias. Então ler para os pequenos e comentar a obra com eles e permitir que eles observem e manipulem os livros, coletar as expressões das crianças através de uma roda de conversa sobre a história lida, fazendo algumas perguntas simples como de qual parte da história você mais gostou, e por que, o que chamou mais atenção, qual ponto provocou mais alegria ou medo, é fundamental e indispensável. Esse momento de pensar sobre o que foi lido e expressar opiniões é um comportamento típico de quem gosta de ler e vale para toda a vida. Não podemos esquecer que essas opiniões podem e costumam ser diferentes uma das outras, mas essa troca também é boa para estimular os pequenos a aprender a ouvir o que os outros têm a dizer, pois quando este momento acontece é um novo aprendizado que está surgindo.

Tudo fica mais fácil se significarmos o conteúdo com aquilo sobre o que conversamos, exploramos, vivenciamos em diferentes linguagens com as crianças.

Em certas condições, a intuição escolar pode transformar-se num âmbito propício para leitura, essas condições devem ser criadas desde antes que as crianças saibam ler no sentido convencional do termo, e uma delas é que o professor assuma o papel de interprete e os alunos possam ler através dele. O essencial é fazer da escola um âmbito propício para a leitura e abrir para todas as portas dos mundos possíveis, e inaugurar um caminho que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita.

E para transformar esse ambiente adequado, como sugere o autor, para favorecer a formação de leitores se faz necessário a reflexão de onde

estar as possíveis dificuldades atuais para examinar e esclarecer quais são as condições didáticas para que possam inimizá-las.

O ensino da leitura é apenas uma manifestação de um postulado básico da concepção vigente da escola. O processo de aprendizagem evolui do simples para o complexo, portanto, para ensinar saberes complexo é necessário decompô-los em seus elementos constituintes e distribuir a apresentação desses elementos ao longo do tempo, respeitando a natureza da prática social da leitura e levar em conta os processos construtivos das crianças, a concepção que se tem do objeto e do sujeito. Se a aprendizagem não é a soma de pequenas aprendizagens, mas um processo de reorganização do conhecimento, sabemos que, para chegar a ser leitor, o aluno teria que exercer alguns direitos e cumprir alguns deveres que segundo o “contrato didático” deve imperar no ensino e a aprendizagem.

A leitura é antes de tudo um objeto de ensino e para que se transforme num objeto de aprendizagem é necessário que ela tenha sentido para o aluno, o que significa que a leitura deve cumprir uma função para a realização de um propósito que o professor conhece e valoriza. A leitura quando imposta não tem o resultado desejado por isso precisa acontecer de forma planejada com o objetivo de propor diversos tipos de atividades que favoreçam a elaboração de critérios de solução e dar lugar a situações que ensejem a formação de leitores competentes que consigam interpretar o que está em pauta e não se limitem a decodificar o que está escrito, pois ler é ir além da decodificação, é decifrar o que está escrito porque formar leitores significa capacitar os alunos para decidir quando sua interpretação é ou não correta. Privilegiar a leitura em voz alta, propor sempre um mesmo texto para todos os alunos, mostrar que não é uma metodologia que deve ser adotada para formação de leitores é fundamental nesse processo.

É preciso também encontrar uma maneira de administrar o tempo; é preciso criar novos modos de controlar a aprendizagem; é preciso transformar a distribuição dos papéis do professor e do aluno em relação à leitura; é preciso conciliar os objetivos institucionais com os objetos dos alunos a partir do interesse deles e dos seus pais para participarem da aprendizagem porque

não e só dever da escola, mas da família também, por isso a necessidade da parceria entre ambas. Desse modo a escola cumpre a função que a sociedade lhe atribui.

Por tudo isso é imprescindível que o professor se torne um leitor para que os seus alunos copiem o seu comportamento, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar de atos de leitura que ele mesmo esta realizando, que trave com eles uma relação de leitor para leitor, transformando essa situação em um momento prazeroso que muitas vezes parecem não ser didático. É comunicar a seus alunos certos traços fundamentais do comportamento leitor. O professor interpreta o papel de leitor e ao fazê-lo atualiza uma acepção da palavra “ensinar”, cuja relevância no caso da leitura foi assinada há tempo por Duboius (1994)

Pode-se falar de ensinar em dois sentidos, como um “fazer que alguém aprenda algo” [...]ou como um “mostrar algo” [...]. A ideia de ensinar a leitura nesta ultima forma [...] seria mostrar a criança a maneira como os adultos utilizam a leitura, do mesmo modo que lhe mostramos a maneira como usamos a linguagem oral.

Assim, quando as crianças se defrontam diretamente com os textos o ensino adquire outras características e exigem-se outras intervenções do docente. Essas intervenções estão direcionadas para conseguir que as crianças possam ler por si mesmas, que progridam no uso de estratégias efetivas, em suas possibilidades de compreender melhor aquilo que lê que se apropriem progressivamente e que lhes serão úteis para abordar novos textos que apresentem certo grau de dificuldade sem pretender entender tudo, tratando de compreender qual é o tema tratado no texto. O professor se coloca no papel de leitor ao ajudar sugerindo estratégias eficazes quando a leitura é compartilhada.

A instituição pode também promover uma reflexão sobre as estratégias que estão sendo utilizadas em sala de aula, para melhorar os contextos de formação de leitores. Com base nos estudos os professores isolados em salas de aula fechada não podem resolver problemas que lhe são comuns enquanto atravessam o tempo e o espaço de suas aulas” ao se referirem aos contextos em que se formam leitores e escritores. Dai a importância para os professores e a instituição estabelecerem acordos sobre a forma de trabalhar com leitura que se faz presente em todos os grupos; que discutam e adotem uma melhor estratégia para se comunicarem. Assim a leitura ganha sentido não só para os alunos como também para professores e instituição. Mais uma vez invocamos Lerner (2002) para enfatizar que quando o professor se compromete com um projeto que envolve toda a escola se criam as condições adequadas se adquire outros valores e o instrumento imprescindível para encontrar ferramentas de análises dos problemas didáticos que se colocaram sobre o grupo de docentes. Estes convocados a refletir, a confrontar as estratégias que eles imaginam utilizadas no âmbito de outras experiências para resolver esses problemas, para conhecer os resultados de pesquisas didáticas que tenham estudado, o propósito de buscar melhor funcionamento dessas situações no contexto escolar é notável os resultados deste trabalho.

A ansiedade diante dessas e de outras questões relativas a este tema é compreensível e inevitável. Por isso a necessidade do professor exercitar-se dia a dia como sujeito leitor de si mesmo, das crianças e do mundo e ter consciência que deve estar sempre buscando se inovar.

3 HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Comungando com a concepção de que a criança como um ser ativo é capaz de construir e reconstruir aprendizagens a partir da ação do pensar e agir no mundo que o cerca, e levando-se em consideração a relevância das situações que favorecem essa construção, essa ação, seja individual ou na convivência com o outro, acreditamos que se torna imprescindível por parte de nós educadores, um repensar do fazer pedagógico a fim de que possamos

avaliar nossas rotinas pré-organizadas, no sentido de constatarmos se estamos possibilitando as nossas crianças um ambiente onde realmente sejam oportunizadas a participarem de situações diversificadas e significativas de aprendizagem.

Segundo Pires (2009, p.13) não basta alfabetizar, é preciso ensinar aos alunos a compreenderem o processo de escrita e de leitura presentes na sociedade. E para ensinar esse processo escola e família devem trabalhar em conjunto. Nessa mesma perspectiva é o pensamento de Salamunes (2009, p.13) afirmando que “a escola tem como papel básico formar um leitor” [...] mas também não descarta a importância da família nesse processo, pois “ensinar a ler é também ensinar a mergulhar nas práticas sociais onde a leitura acontece” [...] e “a leitura nos faz desenvolver a capacidade de pensamento”.

Isso quer dizer que desde muito cedo a criança deve ter este contato com os livros e também através de dinâmicas sociais favoráveis a aquisição do hábito e gosto pela leitura. É claro que não devemos acelerar o processo de alfabetização, mas incentivar a criança a leitura é um estímulo que deve ser buscado numa ação conjunta entre escola e família. E para estreitar mais essa relação uma boa dica é emprestar um livro para criança e incentivá-la a ler ou contar a história para sua família, pois sabemos que ensinar a ler e escrever são um desafio que transcende amplamente a alfabetização no sentido escrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar em todos os alunos a cultura do escrito e o de conseguir que todos eles se tornem leitores e escritores que recorram aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver tratando encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo.

Porem é necessário ensinar a preservar o sentido do objeto de ensino para o sujeito da aprendizagem, é necessário preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais para conseguir que os alunos se apropriem delas possibilitando que se incorporem a comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam serem cidadãos da cultura escrita.

Mas, segundo Lerner (2002, p. 18) “só necessário é uma tarefa difícil para a escola. Conhecer as dificuldades e compreender em que medida

deriva (ou não) as necessidades legítimas da instituição escolar constituem passos indispensáveis para construir alternativas que permitam superá-las. É por isso que, antes de formular soluções - antes de desdobrar o possível – é preciso enunciar e analisar as dificuldades. O necessário, tomando como ponto de partida seria a escola trabalhar em equipe visando os problemas dos alunos através dos seus conhecimentos prévios e das dificuldades maiores porque são muitas as dificuldades encontradas na escola, pois o público que atende tem diversas culturas e classes sociais, nas quais se encontra a famílias que participam do processo de aprendizagem da criança e outras que nem sequer procuram saber como sua criança está se desenvolvendo, e entre outros tipos de dificuldade que os professores/alfabetizadores deparam no cotidiano escolar, sobretudo porque do ponto de vista de Lerner (2002 pag.18):

Os propósitos que se perseguem na escola ao ler e escrever são diferentes dos que orientam a leitura e a escrita fora dela; a maneira como se distribuem os direitos e obrigações entre o professor e os alunos determinam quais são os conhecimentos e estratégias que as crianças têm ou não têm oportunidade de exercer e, portanto, quais poderão ou não poderão aprender.

Ao se tratar de práticas sociais que historicamente foram de certo modo e continuam sendo, patrimônio de determinados grupos sociais mais que de outros, tentar que práticas “aristocráticas” como a leitura e a escrita sejam instauradas na escola supõe, então, enfrentar – e encontrar caminhos para resolver – a tensão existente na instituição escolar entre a tendência a mudança e a tendência a conservação, entre a função explícita de democratizar o conhecimento e a função implícita de reproduzir a ordem social estabelecida.

Lerner (2002, p.19) **a função** (explícita) da instituição escolar é comunicar saberes e comportamentos culturais às novas gerações, a leitura e

a escrita existem nela para ser ensinadas e aprendidas. Na escola, não são “naturais” os propósitos que nós, leitores e escritores, perseguimos habitualmente fora dela: como estão em primeiro plano os propósitos didáticos, que são mediatos do ponto de vista dos alunos porque estão vinculados aos conhecimentos que eles necessitam aprender para utiliza-los em sua vida futura, os propósitos comunicativos – tais como escrever para estabelecer ou manter contato com alguém distante, ou ler para conhecer outro mundo possível e pensar sobre o próprio desde uma nova perspectiva – costumam ser relegados ou, inclusive excluídos dos de seu âmbito.

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam decifrar “decodificar, mas sim formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes de apenas oralizar”. É formar seres críticos capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria de questionar e em busca do seu objeto de estudo que seja capaz de transformar.

O desafio também esta na escrita, na formação de escritores, de crianças que saibam comunicar-se por escrito, já que a escrita é diferente da fala, não podemos escrever do mesmo modo que falamos. Segundo ainda Lerner (2002, p.28) ao invés de continuar “fabricando sujeitos quase agrafos, para quem a escrita é tão estranha, que se recorre a ela somente em ultima instancia e depois de haver esgotado todos os meios para escapar de tal obrigação”.

O desafio é conseguir que os alunos cheguem a ser produtores da língua escrita, conscientes da pertinência e da importância de imitar certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social, em vez de se treinar unicamente copistas que reproduzem sem propósito nenhum o escrito por outros ou como receptores de ditados cuja finalidade é estranha, por isso a escrita na escola não pode apenas um objeto de avaliação. O ideal é que os alunos se apropriem da escrita e que possam coloca-la de modo que esta criança venha a ser um leitor e produtor de textos competentes e autônomos dos seus trabalhos. Não é demais lembrar, muito pelo contrario é oportuno reafirmar que ler e escrever é um direito constitucional concedido a todas as

crianças e jovens e desse modo compete a escola possibilitar a realização deste processo aos seus alunos de modo que possa formar bons leitores e bons escritores.

Para tanto é necessário que o professor na condição de maior mediador de conhecimentos se atualize continuamente com o propósito de inovar sua prática, mesmo que escassos sejam os espaços próprios para a discussão da tarefa docente, visto que não há verbas disponíveis para capacitação, mas não é por isso que devemos deixar de acreditar no nosso trabalho e de fazermos nossa parte como educadores para que possamos contribuir para a aprendizagem de nossas crianças. Para corroborar com essa ideia trazemos a experiência de Nemirovsky(ano, citado por LERNER (2002, p. 31):

Houve uma etapa (muito prolongada!) em meu próprio desenvolvimento profissional, em que ao finalizar cada ação de capacitação de professores, eu considerava que tinha meu propósito e que, desse dia em diante, a verdade tinha sido desvelada para todos os professores, com quem havia trabalhado, daí que o trabalho cotidiano deles sofreria uma transformação radical. À medida que acumulo maior experiência na realização de ações de capacitação de professores, procuro encontrar formas para diminuir meu nível de expectativas, porque sei que tudo aquilo que tento é para que o professor assuma esta contradição não só com o que estudou na etapa de formação profissional como sua em história como aluno e com as crenças socialmente avaliadas em relação a como se aprende.

Então não é suficiente só capacitar os docentes, mas indispensável será considerar as condições institucionais que possam favorecer a mudança, os aspectos da proposta do professor e as possibilidades de ser acolhidas pela

escola e quais requerem a construção de esquemas prévios em busca de minimizar sua influência negativa no processo de ensino e aprendizagem. Assim, podemos pensar numa rotina pedagógica com outra concepção, principalmente para a educação infantil, tornando-a mais viva e significativa, diferente daquela prática costumeira sob um olhar monótono, porém realizar uma prática planejada que busque a diversidade, na qual o sentido e significado das aprendizagens sejam construídas e percebidas pelos que dela fazem parte a constroem.

Desse modo a rotina além de se constituir em um instrumento orientador das ações do professor em busca da concretização dos objetos definidos também é um instrumento que favorece a criança pelas situações ricas e diversificadas de aprendizagem. Torna-se necessário o real aproveitamento do tempo e do espaço do qual dispomos, e principalmente a clareza dos objetivos que queremos atingir mediatizadas pelos caminhos que almejamos, selecionamos e acreditamos. Para tanto, é preciso incluir a leitura, ou melhor, a contação de história na rotina como atividade frequente utilizando vários tipos de gênero textual como histórias, poemas, músicas, entre outros, fazendo a leitura junto com as crianças e seguida de comentários, troca de experiências, etc. É importante na realização diária da leitura que o professor/contador de história escolha textos curtos e de fácil compreensão, como poesias, piadas, adivinhas gradativamente ir ampliando a dificuldade para textos longos e de maior complexidade como são os contos, fábulas, notícias etc., mesmo quando os alunos ainda não sejam capazes de lerem sozinhas. Para isso o professor além de escolher o tipo de texto a ser utilizado, precisa ler primeiramente para si mesmo para a apropriação do sentido e conseqüentemente buscar a entonação adequada, isto é, acertar o tom de voz, ritmo, pronúncia, interpretação, memorização e postura antes, durante e depois da narração. Desse modo com voz vibrante encantará os alunos que demonstram estar viajando para um mundo distante.

Corroborando com essa ideia Regina Machado (2000, p. 25) afirma "ler e contar podem igualmente ser seqüências monótonas de palavras que não produzem um efeito significativo se quem narra não imprime vivacidade e veracidade à cadência da história". É mergulhando no que está sendo contado

que o professor/contador de história conseguira ir além do texto e enriquecer a atividade atraindo os ouvintes.

Portanto, acreditamos como a autora ser fundamental utilização dessa ferramenta em sala de aula, principalmente na educação infantil para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança é um ser social, histórico e cultural e está inserida no mundo da fantasia e das múltiplas linguagens desde seu nascimento. Quando falamos de fantasia pretendemos enfatizar os diversos recursos metodológicos que podem ser trabalhados para encantar a criança como livros, fantoches, revistas, jornais, mas entre esses tipos de recursos, sem dúvida as histórias infantis se sobrepõem na medida em que servem de apoio ao processo de ampliação e expansão do universo cultural e imaginário das crianças. Através de variadas situações a contação de história pode interagir, fazer pensar, trazer descobertas, instigando o ensino e a aprendizagem a se concretizarem de forma prazerosa e a atingir aspectos da linguagem própria da criança como a imaginação, a ludicidade, a representação e a autonomia. Por isso a contação de história promove a aproximação entre a criança e o professor, o que possibilita compreendê-la de forma mais abrangente.

Enfim, é preciso ler histórias para as crianças, sempre, sempre, para que possam sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor. O professor/contador poderá ser cúmplice desse momento de humor, de brincadeira de divertimento. Além de suscitar nas crianças o imaginário, a curiosidade para responder a tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões que surgem no dia a dia da escola e fora dela.

Para tanto, como evidencia a literatura consultada, as escolas precisam colocar em suas ações educacionais como prioridade a formação de seus professores, principalmente da educação infantil, para possibilitar-lhes a reflexão acerca dos conceitos, recursos e técnicas diversas para contar histórias, em busca da percepção e dos valores do texto dos diferentes gêneros literários.

REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAJARDMAINARDES, R. C. M. de. **Arte de contar histórias: uma estratégia para formação de leitores**. Campina Grande, UEPB, s/d, 20f. Apostila 1992

CASLITO, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**/Delia Lerner, trad. Irani Rosa. Porto Alegre: Artemd, 2002.

COELHO, Beth. **Contar histórias: Uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.

FLECK, professionalization of the contemporary story teller. 89 f.. Universidade federal de Santa Catarina 2009

FREIRE, MAINARDES, R. C. M. de. **Arte de contar histórias: uma estratégia para formação de leitores**. Campina Grande, UEPB, s/d, 20f. Apostila 2005

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**/Delia Lerner, trad. Irani Rosa. Porto Alegre: Artemd, 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais - Fundamentos Teórico-Poéticos da Arte de Contar Histórias**. Editora DCL, 2000.

MACHADO, Ana Maria carta a revista do professor fundamental outubro 2014 nº 62 editora confiança

MALAGUZZ, Loris revista patio educação infantil. Uma publicação trimestral do grupo a educação S.A.ANO XI nº 35 abril/ junho 2013

2013

MAINARDES, R. C. M. de. **Arte de contar histórias: uma estratégia para formação de leitores**. Campina Grande, UEPB, s/d, 20f. Apostila.

MARTINS, Roselerevista patio educação infantil. Uma publicação trimestral do grupo a educação S.A.ANO XI nº 35 abril/ junho 2013

PERRENOUD, Phillipe 1993 pagina 108 , Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário/Delia Lerner**, trad. Irani Rosa. Porto Alegre: Artemd, 2002.

PIRES, katia**2009**, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário/Delia Lerner**, trad. Irani Rosa. Porto Alegre: Artemd, 2002. **pagina 13**

REVISTA DIGITAL DE BIBLIOTECONOMIA E CIENCIAS DA INFORMAÇÃO. Disponível em:www.sbu.unicamp.br/ser/ojs/index.php. Acesso em: 10/05/2015

REVISTTA DO PROFESSOR. Porto Alegre. Ano 23, n. 91 p.3-5, jul/set,2007.

RIZZOLIREVISTTA DO PROFESSOR. Porto Alegre. Ano 23, n. 91 p.3-5, jul/set, 2007.